

ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE EM PROJETOS DE EDUCAÇÃO EM VALORES

*Claudiele Carla Marques da Silva*¹

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

*Maria Suzana De Stefano Menin*²

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Agência de Fomento: FAPESP

Resumo: Nesse trabalho apresentamos resultados de uma pesquisa sobre as relações entre projetos de Educação em Valores desenvolvidos em escolas e a comunidade de seu entorno. Investigamos essas relações na literatura e em 169 experiências desenvolvidas em escolas públicas do estado de São Paulo. Nas análises dessas experiências de educação Moral desenvolvidas pelas escolas 54% afirmaram estabelecer relações com seu entorno, duas tendências de respostas mais se destacaram: primeiro, as relações são estabelecidas devido aos problemas, carências ou valores vivenciados na comunidade; segundo, devido as especificidades e necessidades do bairro e pela necessidade de participação dos pais e professores nos projetos.

Palavras-chave: Educação em Valores, escola, comunidade.

Introdução

Vivemos em uma situação de crise relacional dentro da escola, causada pela violência que ocorre dentro e fora dela. São cada vez mais frequentes as queixas dos profissionais da educação sobre desrespeito, indisciplina e intolerância dos alunos bem como sobre a suposta ausência das famílias na educação de seus filhos (Shimizu, Menin, Bataglia, & Martins, 2010). Esse cenário é acompanhado pelo sentimento de crise de valores da sociedade atual (Jares, 2005; La Taille, 2009; La Taille & Menin, 2009).

¹ Mestre em Educação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: claudielecarla@hotmail.com

² Doutora em Educação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: sumenin@gmail.com

Nesse contexto, políticas públicas educacionais estão sendo elaboradas a fim de servir de base para que se possa concretizar na escola uma educação pautada em valores éticos e de direitos humanos, baseadas ora na convivência harmônica e democrática, ora nas discussões de certos documentos, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos que enfatizam a finalidade da escola como formação integral do aluno e não apenas de conhecimentos científicos e tecnológicos (Brasil, 1998, 1997).

Essa formação integral envolve, além de outros aspectos, a educação em valores e ética, a sensibilidade estética e aprendizagem de resolução de conflitos de forma pacífica e dialogada. Essa educação deve estar interligada a todos os ambientes escolares, de forma interdisciplinar e com aspectos da realidade do aluno, com seus interesses e de sua comunidade.

Diversos autores (Cortina, 2003; Delval, 2006; Serrano, 2002) destacam a importância das relações entre escola e comunidade como necessárias para uma Educação Moral contextualizada e significativa para os alunos, que podem conduzi-los a reflexões e ações sobre os problemas que afetam sua comunidade.

Essa pesquisa teve como objetivo verificar e analisar se há relações da comunidade com a escola em experiências de Educação Moral e/ou em Valores e como elas acontecem.

Desvelando conceitos: educação moral e comunidade

Para discutir sobre as relações da escola com a comunidade referente aos projetos de Educação Moral é preciso, antes de tudo, conceituar as temáticas que se cruzam no desenvolvimento desse estudo: comunidade e Educação Moral. Passaremos a defini-las.

Ao tomarmos o dicionário Aurélio (Holanda, 2010) temos a seguinte descrição do termo comunidade “Estado do que é comum; paridade; comunhão, identidade: comunidade de sentimentos. Sociologia: Agrupamento social que se caracteriza por acentuada coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que o constituem”.

O termo comunidade, portanto, é entendido como algo público, compartilhado e que transcende a questão espacial; está ligado, ainda, com a construção da identidade e dos valores. Embora reconhecido que com o desenvolvimento da sociedade globalizada é difícil se pensar numa comunidade que se limite aos arredores da escola, consideramos que é nesse espaço que se apresentam as particularidades do grupo de alunos que a frequentam, assim, hipotetizamos que o entorno escolar ainda possui seu poder de marcar fortemente a escola e os alunos de diversos modos.

Já a Educação Moral é tida como sinônimo de Educação em Direitos Humanos, Educação em Valores e Ética e Cidadania, pois em todas essas modalidades de ensino estão explícitas escolhas e finalidades morais, tais como: justiça, respeito, dignidade, solidariedade, cooperação, etc.

Na literatura da área, muitos pesquisadores têm proposto como deve ser a Educação Moral (Alfayate, 2002; Araújo, 2007; Cortina, 2003; Goergen, 2005; Menin, 2002; Serrano, 2002). Para esses autores, a escola deve incumbir-se da Educação Moral das crianças e jovens de forma planejada, já que essa educação ocorre mesmo que a escola não reconheça sua importância, pois em seu cotidiano está permeada de valores e atitudes que são transmitidos aos alunos. Para isso, devemos superar a visão da Educação Moral como transmissão de valores pré-estabelecidos, com o objetivo de que os alunos os internalizem e sejam “bons cidadãos”.

O entendimento da educação moral como transmissão de virtudes, que da tradição nos é familiar, está hoje ultrapassada. Educação moral, no ambiente escolar, significa introduzir os educandos no contexto do debate ético com o objetivo de fomentar, por meio de um procedimento argumentativo/dialógico, a sensibilidade para as questões morais e a formação de uma subjetividade como o fórum de decisões práticas (GOERGEN, 2001, p. 147).

Portanto, educar moralmente significa introduzir os alunos em debates argumentativos sobre questões éticas e morais e não a transmissão ou imposição de virtudes ou valores.

A finalidade desse tipo de educação é provocar a sensibilidade ética e desenvolver capacidades como autonomia, racionalidade e uma disposição para o diálogo, com o objetivo de construir “[...] princípios e normas que atuem sobre o seu conhecimento e sobre sua conduta, que envolvam o pensar e o agir de cada ser humano, para que, respeitando a liberdade de todas as pessoas, sua maturidade ética seja possível” (Alfayate, 2002, p. 53).

Para que essas finalidades sejam alcançadas, é imprescindível ter claros os métodos e valores adotados pela escola para a educação das crianças e jovens. Os métodos tomados pela escola devem ser implementados como um tema transversal e em todo âmbito institucional, como um projeto político pedagógico da escola, de forma sistematizada, permeando os diferentes tempos, espaços e conteúdos escolares. Dessa forma, essa educação não pode associar-se a uma disciplina específica ou a ações isoladas de professores e gestores escolares. (Brasil, 1998; Menin, 2009).

Além disso, a Educação Moral não necessita associar-se a uma metodologia única e determinada, porque exige pluralidade de enfoques e possibilidades de trabalho sistematizado.

Mesmo que não haja uma metodologia única determinada, há alguns procedimentos sugeridos por autores da Psicologia da Moralidade como mais propícios para a Educação Moral, entre os quais podemos destacar os trabalhos em grupo, as discussões de dilemas morais, as assembleias escolares e a democratização das relações escolares (Araújo, 1996; Piaget 1932/1994; Tognetta & Vinha, 2007). Nessas metodologias, podemos destacar a participação ativa dos alunos, o incentivo ao diálogo, à participação, à responsabilidade, à autorregulação e autoconhecimento e a gradual conscientização sobre as necessidades e a mutabilidade das regras, buscando o bem-comum.

A participação ativa dos alunos é um dos principais elementos para a Educação Moral, pois nenhum valor essencial pode ser vivenciado sem um real envolvimento ativo. Para isso, a prática educacional deve ser reorganizada, centrando-se a atenção nas práticas dos educandos que envolvem valores e fins morais, bem como democratizar as relações interpessoais e incentivar, cada vez mais, os alunos a terem responsabilidades para que possam participar dos processos de decisões coletivos da escola, por exemplo, no grêmio escolar.

Para sintetizar o que foi exposto até aqui, apresentamos o que Araújo (2007) mostra como propício para criar um ambiente ético na escola. Segundo o autor, é preciso direcionar as ações e esforços, alicerçando-os em três tipos de ações independentes, porém complementares:

a) a inserção transversal e interdisciplinar de conteúdos de natureza ética no currículo das escolas; b) a introdução de sistemáticas que visam à melhoria e à democratização das relações interpessoais no dia-a-dia das escolas; c) uma articulação dessas ações com a família e com a comunidade onde vive a criança, de forma que tais preocupações não fiquem limitadas aos espaços, aos tempos e às relações escolares (Araújo, 2007, p. 37-38).

Reconhece-se que a educação dos jovens, sobretudo em questões relacionadas à formação moral, é uma ação complexa e exige, para se obter sucesso, planejamento de toda equipe escolar, democratização nas relações interpessoais e uma articulação dessas ações com a família e a comunidade onde os alunos vivem.

Desenvolvendo a pesquisa: os caminhos traçados

Por ser um tema que apresenta características variáveis e inexatas, optamos por uma abordagem de pesquisa predominantemente qualitativa, tendo em vista a complexidade do fenômeno estudado.

Essa pesquisa teve como objetivo verificar e analisar se há relações da comunidade com a escola em experiências de Educação Moral e/ou em Valores e como elas acontecem. Para tanto, investigamos essas relações na literatura específica da área e também em 169 experiências desenvolvidas em escolas públicas do estado de São Paulo. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” que teve seu parecer aprovado sob processo nº 74/2011.

Essas experiências de Educação Moral e/ou em Valores foram coletadas por meio de questionários *online* ou impressos aplicados junto a diretores, coordenadores pedagógicos e/ou professores de escolas públicas de ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e médio do estado de São Paulo em uma pesquisa anterior nomeada “Projetos bem sucedidos de Educação Moral: em busca de experiências brasileiras” (Menin, 2010), desenvolvida no ano de 2009 e 2010.

Os questionários foram analisados por meio do programa *Alceste* (Analyse Lexicale par Contexte d’un Ensemble de Segments de Texte) e, como complemento, foi utilizado a técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (2004).

Resultados

As relações entre escola, comunidade e educação moral: o que nos propõe a literatura

Vários estudos têm mostrado que as relações entre a escola e seu entorno são precárias, isto porque a comunidade não consegue se apropriar da escola, isto é, se sentir reconhecida e pertencente a ela (Castro & Regattieri, 2009).

O fato de as relações entre escola e comunidade serem precárias pode ser explicado pela errônea concepção, ainda muito presente, de que a escola é um lugar independente do seu contexto, que deve apenas transmitir conhecimentos, em que o aluno é tido como um ser passivo que deve limitar-se a reproduzir esses conhecimentos.

Além disso, Thin (2006) afirma que outra dificuldade encontrada para criar relações entre escola e comunidade refere-se às concepções dos pais dos alunos e dos membros da comunidade sobre a função da escola e dos conhecimentos ali adquiridos. O autor destaca uma tensão existente entre os pais dos alunos e a escola no que tange os conhecimentos pedagógicos.

[...] observamos uma oposição ou tensão entre pais, que esperam da escola conhecimentos que sejam apreensíveis em sua operacionalidade imediata e prática, e a lógica pedagógica, que se inscreve na duração, que coloca os sentidos da aprendizagem em objetivos mais distantes e mais gerais, ou mais universais, cujos

fins só se desvelam em longo prazo, no domínio dos procedimentos intelectuais abstratos. (Thin, 2006, p. 221).

Podemos mencionar que a Educação Moral ou a educação em valores, além de exceder os “conteúdos escolares tradicionais”, se insere nos objetivos mais gerais e de longo prazo da instituição, o que pode dificultar a aceitação dos pais e da comunidade, já que muitas vezes esses sujeitos priorizam os conhecimentos que têm utilidade prática e imediata.

Nogueira (1991) e Thin (2006) têm demonstrado, em seus estudos, as dificuldades dessas relações entre escola e comunidade, quando se trata das classes mais populares da sociedade. Conforme Nogueira (1991) há unanimidade entre pesquisadores ao afirmarem que a relação entre as classes populares e a escola é uma relação fortemente marcada pelo seu caráter contraditório e por uma tensão inerente.

Os resultados a que têm chegado às pesquisas sobre o tema – quer no âmbito dos discursos, quer no âmbito das práticas dos atores sociais – tendem a mostrar que essa categoria social experimenta uma verdadeira ambiguidade face à instituição escolar. Ao mesmo tempo em que expressa sentimentos e atitudes de rejeição e de distanciamento em relação a ela, como que reconhecendo e reagindo ao processo de identificação negativa a que ela fica exposta [...], não abdica de seu direito à instituição, aceitando-a. (Nogueira, 1991, p. 34).

Complementando a afirmação acima, Thin (2006) parte do princípio que famílias e escolas têm lógicas de socialização diferentes. Essas diferenças encontram-se, por exemplo, na autoridade, na linguagem, nos jogos e, muitas vezes, na diferença de classe social entre os professores e os membros da comunidade do entorno da escola. Além disso, Thin (2006) assinala que as relações entre escola e famílias populares se fundam sobre uma “confrontação desigual entre dois modos de socialização: um, escolar e dominante, outro, popular e dominado” (Thin, 2006, p. 212). Essas diferenças inerentes entre agentes escolares e comunidade geram um distanciamento e, muitas vezes, uma concepção negativa de ambas as partes.

Portanto, a relação entre escola e comunidade é complexa, não linear e marcada por tensões e contradições. Isto porque essa relação se fundamenta por diferentes sujeitos, ou seja, professores, membros da comunidade, alunos e famílias que têm maneiras diversas de comunicação, concepções sobre a importância da escola no bairro e sobre a necessidade ou não de participar das atividades desenvolvidas pela escola.

Quando se trata da Educação Moral, as relações da escola com a comunidade são especialmente importantes, pois a formação do sujeito moral é uma ação complexa que se desenvolve em inúmeras circunstâncias e espaços escolares e não escolares. Autores (Cortina,

2003; Goergen, 2005) vêm defendendo essa ideia ao afirmar que não podemos desconsiderar a comunidade quando pensamos em formas de educar moralmente e/ou em valores na escola.

Delval (2006) indica que a escola pode ancorar as relações com a comunidade em várias direções: as escolas devem se transformar em centros de cultura para a comunidade do entorno, ou seja, abertas a todos; as atividades escolares deveriam receber contribuições culturais de todos os membros da comunidade; a escola deveria ser um laboratório em que os alunos aprendessem a analisar os problemas sociais e culturais da comunidade do entorno e da sociedade; a escola poderia oferecer soluções para os problemas que ocorrem na comunidade do entorno.

Para finalizar a discussão sobre essas possíveis relações, entre escola e comunidade, indicadas pela literatura, concordamos com Ribeiro, Ribeiro e Gusmão (2005) ao afirmarem que:

[...] para alcançar uma educação de qualidade para todos no Brasil [e aí está inclusa a Educação Moral], se torna estratégica a aliança entre os profissionais de ensino e a população, assim como das organizações da sociedade civil com os órgãos públicos das diversas esferas de governo e com as agências internacionais. A partir do enfrentamento das divergências, dos conflitos de interesse e das relações desiguais de poder, a partir do estabelecimento de alianças, da partilha de informações e da integração dos diferentes, vão-se construindo democraticamente novos sentidos sobre a qualidade da educação na escola. (Ribeiro et al., 2005).

Voltando o olhar sobre a ação: as relações estabelecidas entre escola e comunidade nos projetos de Educação Moral

Analisamos os projetos de Educação Moral desenvolvidos nas escolas do estado de São Paulo para verificar quais relações são estabelecidas com a comunidade de seu entorno. Para tanto, investigamos no questionário a questão principal que trata dessas possíveis relações “De alguma forma, a comunidade em torno da escola provocou essa experiência, se sim, como?”.

Das 169 experiências analisadas, 92 afirmaram que, de alguma forma, a comunidade em torno da escola provocou essa experiência, isto é, 54,4% das respostas foram afirmativas. Essas respostas afirmativas e abertas foram tratadas por meio do programa Alceste, que as selecionou e as dividiu em cinco classes diferentes com aproveitamento de 82,47% do material.

Realizamos a leitura de cada classe a partir de suas palavras mais significativas, por meio dos exemplos de respostas típicos de cada classe e por meio da leitura de cada

experiência. Em função dessa análise, gerou-se a denominação dessas classes que apresentamos no Quadro 1.

Quadro 1: Denominação das classes em relação à questão “De alguma forma a comunidade em volta da escola provocou essa experiência?”

Classe	Denominação	%
Classe 1	Relações estabelecidas devido a problemas ou falta de tempo das famílias	17,5
Classe 2	Relações constituídas por conta dos valores e experiências vivenciados pelos alunos e famílias	15
Classe 3	Relações devidas às carências dos alunos, vivenciadas no entorno escolar	12,5
Classe 4	Relações instituídas pelas necessidades apresentadas pela comunidade	32,5
Classe 5	Relações estabelecidas devido ao papel dos pais e dos professores na Educação Moral	22,5

Fonte: dados do autor

Analisando os dados das cinco classes de respostas, vemos que duas tendências mais se destacaram: primeiro, as relações são estabelecidas devido aos problemas, carências ou valores vivenciados pelos alunos e suas famílias (Classe 1 e 2); segundo, por conta das especificidades e necessidades do bairro, bem como pela necessidade de participação dos pais e professores nos projetos (Classe 3, 5 e 4).

As relações estabelecidas por conta dos valores e experiências vivenciados pelos alunos (classe 2) e devido aos problemas, falta de condições das famílias ou de tempo por conta do trabalho (classe 1) totalizam 32,5% do material analisado pelo *Alceste*. Pela leitura das experiências, podemos afirmar que, nessa primeira tendência de respostas, a comunidade é entendida apenas como a família dos alunos e não se estende a outros membros do entorno. São exemplos de falas da Classe 2:

Devido aos valores apresentados pelos alunos, que chegam um tanto deturpados na escola. De certa forma, tentamos redirecionar esse enfoque, tentando fazer com que os alunos sejam os difusores da experiência vivida na escola (Coordenador pedagógico atuando em escola de ensino fundamental).

Carência social muito grande, pais ausentes demais ou em busca de seus próprios interesses e estrutura familiar rompida. (Coordenador pedagógico atuando em escola de ensino fundamental).

Nessa classe de respostas, podemos constatar que a escola estabelece relações com a comunidade, que, nesse caso, se restringe à família dos alunos, por considerar que os valores transmitidos por ela estão ou ausentes. Ainda nessa tendência de respostas, apresentamos falas típicas da Classe 1:

Porque foi constatado em algumas famílias problemas de socialização, desagregação familiar e drogas (Coordenador pedagógico atuando em escola de ensino fundamental).

Devido ao fato de pais muito ausentes na vida do filho, com grande número de consanguíneos, alcoolismo e segunda união há alunos que se envergonham por isso; daí buscar aproximação envolvendo-os na participação de projetos na escola. (Diretor atuando em escola de ensino fundamental).

Considerando que os familiares cumprem longas jornadas de trabalho, não dispõem de tempo para o diálogo em família. (Diretor atuando em escola de ensino fundamental e médio).

Nessa classe de respostas podemos compreender que a escola se relaciona com a comunidade em consequência de problemas apresentados pelas famílias dos alunos, como drogas, alcoolismo, violência, entre outros, e também em decorrência do pouco tempo de convivência entre famílias e alunos por conta da longa jornada de trabalho dos pais.

Tais respostas evidenciam a necessidade, por parte dos agentes escolares, de uma integração entre escola e comunidade em função de uma situação de crise em relação à transmissão ou construção de valores no seio familiar. Assim, as relações estabelecidas com a comunidade, presentes nesta categoria, se dão porque as famílias não estão educando seus filhos por falta de tempo, problemas como drogas e alcoolismo ou, ainda, porque os valores perpassados no seio familiar são deturpados.

A segunda tendência de respostas assinala relações estabelecidas devido às necessidades e especificidades apresentadas pela comunidade (Classe 4), às carências vivenciadas pelos alunos na comunidade (Classe 3) e destacam o papel dos pais e dos professores na Educação Moral (Classe 5), totalizando 67,5% do material analisado pelo *Alceste*. A seguir, apresentamos respostas típicas da Classe 4:

Antes de iniciar qualquer projeto é preciso diagnosticar as necessidades da comunidade e assim descobrir a importância de elaborar tais projetos (Coordenador pedagógico atuando em escola de ensino fundamental).

Porque a vida em sociedade nos faz pensar coletivamente, não somos seres isolados, portanto, a comunidade interfere de uma forma ou outra (direta ou indiretamente) nas ações éticas, morais e de cidadania da população. Nossa escola recebe 11 bairros muito distintos entre si, da cidade de Mauá-SP, isto nos dá a oportunidade de conviver com valores e vivências muito distintas, o que nos dá o tempero certo para ações reflexivas. (Diretor atuando em escola de ensino fundamental e médio).

Podemos inferir que, nesta classe de respostas a comunidade é considerada em suas especificidades e necessidades, isto é, no que é próprio do entorno escolar. Esse tipo de relação entre escola e comunidade vai ao encontro do que tem sido proposto nos PCN (Brasil,

1998), em que há a indicação de que é necessário que a escola realize uma investigação sobre a realidade do aluno, com o intuito de conhecer as características das famílias, da estrutura que a comunidade tem para atender seus alunos e familiares, como postos de saúde, lazer, cultura, etc.

Além de oportunizar um maior conhecimento da escola sobre seu entorno, essas informações sobre a realidade vivenciada pelos alunos permitem desenvolver projetos significativos para os educandos e também para familiares e membros do entorno escolar.

A seguir, apresentamos respostas típicas da Classe 3, em que as relações entre escola e comunidade são instituídas por apontarem situações de carências vivenciadas pelos alunos na comunidade.

A escola está inserida em um bairro carente, desprovido de postos de saúde, posto policial e comércios em geral. A maioria dos pais dos nossos alunos possui ensino fundamental incompleto, no bairro há um alto índice de desemprego, a maioria da comunidade vive de benefícios sociais (Coordenador pedagógico atuando em escola de ensino fundamental).

Os nossos alunos pertencem à comunidade local, onde muitos sofrem agressões, falta de respeito, etc. Então estes projetos, são criados, estudados, elaborados, para que os nossos alunos sejam multiplicadores de bons valores morais, por onde quer que passem. (Coordenador pedagógico atuando em escola de ensino fundamental e médio).

Nestes casos, é importante salientar que a escola deve ultrapassar a mera constatação desses problemas para que eles se tornem objetos de reflexão por parte dos alunos e também da comunidade. Como já discutido anteriormente, Delval (2006) afirma que instituição escolar requer ser um lugar onde os alunos possam aprender a analisar os problemas sociais e culturais da comunidade do entorno e, na medida do possível, propor soluções conjuntas em busca do bem comum.

A seguir, apresentamos falas típicas da Classe 5, em que as relações são estabelecidas devido ao papel dos pais e dos professores na Educação Moral

Devemos procurar integrar pais e professores na ação educativa, pois o exemplo é a mais ampla e profunda didática que pode ser aplicada ao educando. Pais e professores que derem bons exemplos de conduta moral para o bem comum estarão totalmente integrados no fim último da educação, que é formar o caráter, o cidadão consciente de seus deveres e dos direitos que cabem não somente a ele, mas a todos, igualmente (Secretário atuando em escola de ensino fundamental).

Participando das reuniões, da avaliação, apresentando proposta, realizando parcerias. (Professor atuando em escola de ensino fundamental e médio).

Porque os pais são exigentes e ao mesmo tempo colaboram. (Diretor atuando em escola de ensino fundamental).

Pela leitura das respostas dadas a essa classe 5, podemos destacar que as relações são estabelecidas devido ao entendimento dos agentes escolares sobre o papel das famílias e dos professores na Educação Moral, destacando o exemplo familiar e dos docentes como fundamental para esse tipo de ensino. Percebemos nessa classe que há a busca de uma parceria entre pais e comunidade, na medida em que os agentes escolares que relatam as experiências consideram ambos importantes no processo de Educação Moral.

Considerações Finais

É essencial a compreensão de que o desenvolvimento moral constitui um longo processo que se desenvolve durante toda a vida, necessitando de intervenções contínuas da escola e de toda comunidade para que o sujeito possa alcançar sua progressiva autonomia moral. Desse modo, acreditamos que o desenvolvimento moral é decorrente de um processo contínuo que se dá por meio das relações estabelecidas entre indivíduos em diferentes espaços.

Assim, quando refletimos sobre a formação moral do indivíduo é imprescindível pensar no papel da comunidade em torno da escola. É importante destacar que esse ambiente, a comunidade, tem um importante papel na formação moral do sujeito, pois as crianças e jovens ainda passam parte de seu tempo nesse espaço e as relações ali estabelecidas influirão sobre o seu desenvolvimento.

Para finalizar, alertamos que apesar de haver relações entre os projetos de educação em valores desenvolvidos nas escolas analisadas e a comunidade, ainda há muito o que avançar. É importante buscar relações entre escola e comunidade na forma de parceria, em que todos os integrantes do processo de educação sejam considerados como pessoas capazes de participar das ações educativas da escola. Reconhece-se que essa relação não é fácil, pois tradicionalmente a escola foi concebida como uma ilha isolada de seu entorno, para que os agentes escolares reconheçam a necessidade de integração e tenha subsídios para realizá-la da melhor maneira possível, são necessários cursos de formação inicial e continuada voltada a essa temática.

Referências

Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições Setenta.

- Brasil. (1998). Secretaria de Educação Fundamental; *Parâmetros Curriculares Nacionais*; terceiro e quarto ciclo: apresentação dos temas transversais – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica.
- Brasil. (2007). Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica.
- Castro, M., & Regattieri, M. (Orgs). (2009). *Interação escola-família: subsídios para práticas escolares*. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação.
- Cortina, A. (2003). *O fazer ético: guia para Educação Moral*. São Paulo: Moderna.
- Delval, J. (2006). *Manifesto por uma escola cidadã*. Campinas: Papirus.
- Goergen, P. (Orgs.). (2005). *Ética e Educação: reflexes filosóficas e históricas*. Campinas: HISTEDBR.
- Jares, C. X. R. (2005). *Educar para a verdade e para a esperança*. Em tempos de globalização, guerra preventiva e terrorismos. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. (2009). *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y; Menin, M. S. (Orgs.). (2009). *Crise de Valores ou Valores em crise?* Porto Alegre: Artmed.
- Menin, M. S. S., Bataglia, P. U. R., & Zechi, J. A. M. (Org.). (2013) *Projetos bem-sucedidos de educação em valores: relatos de escolas públicas brasileiras*. São Paulo: Cortez.
- Nogueira, M. A. (1991). Trajetórias escolares, Estratégias Culturais e Classes Sociais. *Teoria & Educação*. Porto Alegre, 3, 89-112.
- Ribeiro, V. M.; Ribeiro, V. M; & Gusmão, J. B. (2005, jan. /abr.). Indicadores de qualidade para a mobilização da escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 35(124), 227-251.
- Serrano, G. P. (2002). *Educação em valores: como educar para a democracia*. Porto Alegre: Artmed.
- Shimizu, A. M., Menin, M. S. S., Bataglia, P. U. R., & Martins, R. A. (2010) Representações de educadores de escolas brasileiras a respeito de educação em valores morais. In: Reunião Anual da ANPED, 33, 2010, Caxambu. *Anais...* ANPED.
- Thin, D. (2006, maio/ago.). Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, 11(32).